

# O DISTRICTO DE AVEIRO

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreeve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anúncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3\$000 réis — Semestre, 1\$500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 29

TERÇA-FEIRA 8 DE OUTUBRO DE 1861

PRIMEIRO ANNO

## AVEIRO

Todos os dias se vão conhecendo novos defeitos nas disposições, e tabellas annexas á lei de 30 de julho de 1860, que organisou a contribuição industrial. Dizemos todos os dias, e não exageramos, porque poucas são as industrias que lá estejam equitativamente colectadas, e poucos os individuos que não se julgarem com direito, e realmente o não tenham de reclamar contra ella.

O pensamento da lei — não é difficil conhecê-lo — foi bem concebido, mas executado por quem não conhecia senão a capital, se a esta mesma conhecida, e ignorava os recursos, lucros e forças contributivas de todas as industrias.

Apparecem nas tabellas, industrias desconhecidas, ou pelo menos pouco vulgares, e faltam outras das mais communs e triviaes. São colectadas demasiadamente aquellas que são menos rendosas e comparativamente aliadas as que maiores ganhos dão aos que as exercem. Sobrecarregaram-se as mais uteis e mercedoras d'attenção, para se favorecerem outras de que nenhum proveito provem á sociedade.

Os absurdos, as anomalias, as contradicções são flagrantes e pullulam de todas as partes, no meio d'algumas disposições geraes acertadas, que felizmente contem, e que podiam tornar a uma das mais uteis providencias legislativas, senão fossem as numerosas imperfeições do detalhe.

O cumprimento da lei torna-se pois difficil, e os empregados de fazenda voem-se embaraçados com uma alluvião de reclamações, cuja justiça são muitas vezes os primeiros a reconhecer, mas a que estão impossibilitados de deferirem, porque a lei lh'o não permite.

Ha dias tem ahi andado uns poucos de donos de lojas de mercearia a retalho, a que vulgarmente se chama *tendas*, em grande azafama a proposito da classificação que lhes foi dada.

A lei não falla em *tendas*. Na classe quinta menciona os *mercieiros* ou *donos de armazens de viveres*. Mas elles não podem ter este nome. Não são donos d'armazens, porque apenas possuem uma pequena loginha. Menos se pode dizer que vendem viveres.

Então como hão de ser classificados? Isso é o que nós não sabemos. A lei não offerece em qualquer outra classe uma designação que lhes possa convir ainda por analogia e á qual se acobertem.

Hão de formar gremio com os que são verdadeiramente *mercieiros*?

E' assim que os classificaram e a lei parece auctorial-o com o seu silencio. Resulta porem d'ahi uma dupla injustiça; aquelles porque pagam por uma classe muito superior á que de direito lhe compete, e a estes porque na agremiação com industrias menos rendosas, o excesso da collecta virá a recahir tambem sobre elles. Isto não pode ser.

Como este caso apparecem outros. É indispensavel que o sr. ministro da fazenda mande pôr em execução o artigo 6.º da lei de 22 d'agosto deste anno, que auctorisa a transferencia de clas-

se para aquelas industrias que estiverem indevidamente classificadas.

Nós não podemos admirar-nos que appareçam defeitos em uma lei nova, e que se está ensaiando em um paiz, que tem tido os mais defeituosos systemas d'arrecadação d'impostos. Mas é preciso que elles se remedeiem, e tanto mais depressa, quanto é maior a sua importancia.

Para esse fim os apontamos. Convencemo-nos de que nisto não só prestamos um serviço, mas cumprimos um dever.

A representação que ahi se tem andado a assignar, pedindo a transferencia da ordem em que esta cidade foi indevidamente collocada pela mesma lei, vac ser, pelas vias que se julgarem competentes levada ao conhecimento do governo de S. M.

Em que ella tenha bom exito devemos empenhar-nos todos—mas sinceramente e sem reholhos nem melindres mal cabidos, porque Aveiro, collocado como está, a par das cidades mais populosas do paiz, á excepção de Lisboa e Porto, soffre um onus gravissimo, e com que não pode.

Não estejamos a encontrar-nos uns aos outros; a prejudicar-nos e a embaraçar-nos mutuamente. Não façamos como os gaiatos, que correndo á porfia, preferem cair todos d'encambulhada a consentir que algum tome a dianteira. O interesse é de todos. Faça cada um o que puder.

Ha assumptos, nos quaes—quando se é patriota e realmente amante da sua terra—se põem de parte as rixas particulares, as differenças de opinião, as rivalidades em luta para se congregarem todos irmanamente e em um unico esforço, sem haver o cuidado de discriminar depois, quanto mais antes de conseguido o resultado, quem fez mais ou quem fez menos.

Nós entendemol-o assim. E este é um d'esses assumptos. A. P.

Os Paturots de *raça pura* são adversarios temiveis; não se resiste á verdade, e vigor da sua argumentação.

Ousámos censurar o sr. governador civil por não ter providenciado o cumprimento da deliberação da Junta geral que accordou que as feiras e mercados se fizessem nos seus respectivos dias, ainda mesmo que fossem sanctificados; acudiram promptos em defeza do sr. governador civil e se não conseguiram convencer-nos, alcançaram pelo menos mais um motivo para a gratidão do seu cliente.

Querendo provar-nos que a apreciação que fizemos é immerecida e imprudente, dizem que a camara municipal d'Aveiro e outras municipalidades foram d'opinião, que as feiras e mercados se fizessem só nos dias que não fossem sanctificados, que a Junta Geral *acatar* o voto emitido pelas differentes municipalidades, e que sendo o governo civil incumbido de dar execução ás suas deliberações, se officiará neste sentido.

Mas no relatório da Junta Geral de 30 de Agosto do corrente anno, lê-se—*votou que as feiras se fizessem nos proprios dias em que cahissem excepto sendo 5.ª feira maior, 6.ª feira santa, Do-*

*mingo de Paschoa, e dia do Corpo de Deus, em cujo caso se farão no dia immediato.*

As municipalidades foram de voto que as feiras se fizessem só nos dias não sanctificados, e a Junta geral *acatando* o voto dellas, deliberou o contrario!

Custa a crer que se escrevesse com tanta leviandade.

O que nos dá a entender é que nem o sr. governador civil nem os seus conselheiros leram as opiniões das municipalidades ou o relatório da Junta geral, e que não sabem se cumpriram ou não a deliberação da Junta geral, se podiam ou não cumpril-a.

Nós bastantes vezes temos dito que os defensores do sr. governador civil só servem para o comprometter. São elles que agora o dão por imbecil.

Nunca empregámos nem empregaremos *linguagem descomposta ou doesto grosso*: accusamos com commedimento e com verdade.

A legalidade da demissão do sr. Antonio Gaudencio não a contestámos, a sua necessidade não a confessamos.

Querem saber porque as instancias para que o sr. Antonio Gaudencio pedisse a sua exoneração, e a demissão que depois se lhe deu, provam igualmente falta de coragem? Nós lh'o dizemos. Receava-se a censura que justamente se fez de se haver cedido ás exigencias do sr. Seabra, e queria-se evitar a accusação; receava-se a guerra do sr. Seabra, e quiz-se conservar o seu apoio.

Querem mais saber porque tal demissão é o resultado de despeitos eleitoraes? Já lh'o dissemos e aqui lh'o repetimos. Porque não se pode perdoar ao sr. Antonio Gaudencio o não ter elle obrigado os seus administrados a concorrer *quasi espontaneamente* á eleição do sr. Seabra.

Ainda querem saber o nome da pessoa sobre cujo credito affiançámos que seria suspenso o sr. Antonio Gaudencio se não se prestasse a trabalhar pela candidatura do sr. Seabra, se ella fosse guerreada? Tambem lh'o diremos, mas primeiro neguem que o alvará se lavrasse. Se não negarem, confessam que elle existiu, e se existiu, não carecemos de dizer como o soubemos.

Em seguida transcrevemos do *Viriato* um artigo do sr. M. J. d'Almeida, antigo redactor do *Liberal*, e escriptor abalizado e independente, que tendo, como nós, sustentado a conveniencia da adopção do traçado pelo valle do Vouga para a estrada de Aveiro a Vizeu, achou n'um padre de Campia quem lhe quizesse contestar a escripta, do mesmo modo que a nós nos quiz tambem contestar outro padre ahi das serras da Castanheira, que se assigna — Santos Tavares — a quem no n.º seguinte temos a dar uma resposta.

Agora só notaremos, que, á vista d'isto, está decidido que o traçado das Talhadas é o traçado predilecto dos padres, que deverão d'ora em diante ser os encarregados pelo governo de fazer traçados e projectos, visto como se explicam com

tanto desembaraço em assumptos technicos, e se julgam superiores aos conhecimentos dos engenheiros. Estamos convencidos que elles farão uma completa revolução na sciencia, como pode ajuizar-se pelos novos principios de geographia, que já estes nossos dois padres—engenheiros estabelecem, declarando que a serra das Talhadas é um valle, e que a linha da cumeada é o centro d'esse valle. Por estes principios elles provavam que a serra do Caramulo é tambem um valle, que existe entre a serra das Talhadas, e a do Bussaco, que a do Bussaco passa tambem a ser um valle que existe entre a serra do Caramulo e a da Louzã, e que assim se dará baixa de posto a todas as serras, e se provará que este mundo é todo elle um valle . . . de lagrimas. —

«Tem-se disputado em porfioso certame a preferencia das duas directrizes marcadas á estrada de Vizeu a Albergaria, exaltando uns a conveniencia do primeiro traçado pelo Valle do Vouga, tocando a planura de Lafões, condemnando outros, por entenderem que merece a primazia o segundo pelo leito da estrada velha das Talhadas.

Neste embate de opiniões ressumbram interesses oppostos, que se guerream, mas na verdade interesses legitimos, que folgamos ver sustentados por ambas as partes contendedoras com um fervor igual aos desejos, em que ardem pelos beneficios da viação, a que todos teriam direito, se de momento todos podessem ser contemplados na sua distribuição. Mais algum tempo de espera, e todos partilharão nos gosos das vias de comunicação.

Roma não se fez n'um dia, nem as estradas com todas as suas ranificações podem ser construidas de um lance.

Que pretensões intempestivas, e ambições insoffridas não venham transtornar o systema geral de communicações de modo, que de seus beneficios se não possa de futuro fazer divisão equitativa.

Foi de molde a esta ideia, que, ha pouco, o *Districto de Aveiro* desenvolveu egregiamente as conveniencias da adopção do primeiro traçado, com tanta lucidez e com ponderações de tão subido valor, que, em quanto a nós, desvanecem as duvidas, que se têm suscitado sobre este assumpto.

No entanto alguns cavalheiros, desejando, (não levamos a mal as suas aspirações) que a estrada lhes passe pela porta, insistem nas vantagens da segunda directriz pela serra das Talhadas; e neste intuito trabalham para que a primeira seja abandonada, attentas ás condições de inferioridade em relação á que elles defendem.

Nós, que temos sustentado as conveniencias do primeiro traçado por Lafões, estamos mui longe de nos conformarmos com a opinião contraria, não porque nos cegue a paixão ou nos affecte parcialidade por qualquer das partes contendedoras; como affirmativamente se diz n'uma correspondencia de Campia, e com um arbitrio e auctoridade tão descomedida que não podemos deixar de repellir as disparatadas allusões, com que somos mimoseados.

gos tinham cortado para fazer uma estrada; e ao mesmo tempo na parte superior servia de ponte entre os dous cumes separados.

A começar do *Arco Felice* esta estrada era orlada de duas alas de tumulos romanos enriquecidos com ornatos d'estyque de cores, mas na sculptura dos sarcophagos já se vê impresso o sello da decadencia. D'ali começa a descer-se por uma calçada de lages antigas, reparada em algumas partes; — a final, depois d'atravessar as ruinas das fortificações da cidade velha chega-se á porta de Cumas, facil de reconhecer por as duas grandes pedras quadradas.

Acolá está defronte . . . Cumas, não! — o lugar onde foi Cumas.

*Et campos ubi Troja fuit.*

**Cumas e os pelagos.**  
Passado o *Arco Felice* estamos na antiga via. Sobre a calçada escabrosa que ides pisando passou toda a antiguidade classica desde Cornelia, mãe dos Gracchos, até Agrippina, mãe de Nero.

Ao lado direito em rapido declivio desce uma calçada romana, que vae perder-se nos abrolhos e silvados da campina.

Deste ponto começa a estrada a inclinar-se para a esquerda, costeando a collina do Averno, ao passo que á direita se alarga o valle, onde era a cidade de Cumas; — se eleva o monte que lhe está sobranceiro, — e além do valle e do monte s'espraia o mar. (Continua.)

## FOLHETIM

### NAPOLES E AS SUAS PROVINCIAS

POR ALEXANDRE DUMAS.

DE NAPOLES PARA CUMAS.

(Continuação do n.º 28)

A fabula de Glauco é conhecida. Era pescador, nadador excellente, e mergulhador; vivia do peixe que pescava ao anzol. Ora Glauco descobriu um dia que o peixe lançado na praia, ou longe do seu elemento, tinha mais ou menos difficuldade em expirar, e se reanimava tocando em certas hervas. Curioso de saber as virtudes que tinham, Glauco desnudou-se, e não só se revolveu nas hervas, mas tambem comeu d'ellas. Immediatamente o seu corpo se cubriu d'escamas, e ficando só com a cabeça e tronco d'homem, arrojou-se ao mar.

O recémchegado foi recebido com toda a amabilidade pelas divindades do mar, que conheciam já os seus merecimentos. — Oceano e Thetis o presentearam com a immortalidade, e Apollo com o dom da prophecia, que elle communicou a sua filha a sibylla de Cumas.

Glauco pagou depois aos deuses todos os beneficios que dellas recebera. Na guerra dos gigantes foi bastante para repellil-os o som da

sua trombeta. Em recompensa casou-se com Circe, a feiticeira; — mas perdeu-se d'amores por a nympha Scylla, que victima do zelo da sua rival, foi metamorphoseada em rochedo, conservando a forma de mulher na parte superior do corpo, e por baixo da cintura rodeada de cães, que ladram continuamente.

Scylla guardava uma das portas do inferno. Eis-aqui os deuses da cidade que era situada nas regiões tartareas, proxima a Cumas. Em Glauco e Scylla se resumiam as tradições da guerra dos gigantes, dos lagos infernaes, e outros sibyllinos.

Quanto ao monte Ollibano — formação de enormes acervos de lava, ahi está servindo de testemunha (se não foi actor) das guerras antigas dos Titões contra o ceu. Afigura-se-nos descobrindo o vestigio dos raios de Jupiter nas encostas sulcadas em todas as direcções por cicatrizes sulphureas, e a custo rebentam aqui e ali algum agavo, ou figueira da India.

Nas pedreiras que se tem aberto no monte ainda hoje s'encontram aqueductos cortados na rocha viva — trabalho prodigioso dos romanos, para trazer agua do rio Sabato ás plagas aridas que distavam mais de quarenta milhas.

Tendo passado o Ollibano, topa-se de subito com Puzzuoli.

Puzzuoli ha de entrar por ordem chronologica na narração a que estas linhas servem de

prologo; portanto vamos seguindo a nossa viagem sem parar nesta cidade, embora famosa em monumentos, pois cá voltaremos mais tarde. Cumas está chamando por nós; Cumas, a *avó*, fundadora, e metropole de todas as cidades que rodeam Napoles.

A estrada que vae ter a Cumas principia a elevar-se em doce declivio na base do monte *Nuovo*, especie de vulcão cryptogamico, que rebentou e surgiu do fundo do lago *Lucrino* naoute de 29 de setembro de 1538. Durante 36 horas o vezuvio recémnado vomitou chammass, pedras, cinzas, e tudo quanto arroja um verdadeiro vulcão. A mesma commoção fez saltar por os ares a aldeia d'Ipergola, e diz uma relação dos acontecimentos cheia d'ingenuidade, que os habitantes d'ambos os sexos que sobreviveram á cabriola — tão perigosa como inesperada, fugiram *in naturalibus*.

Continuando a marchar por esta estrada, avistámos á direita o monte *Barbaro*, celebre por o vinho que produz, e um dos vulcões mais antigos que dominam os campos Phlegreanos. Mais alguns passos, — e os olhos se cravam com certo pavor no lago Averno, sombria cratera de um vulcão extinto, aonde havemos de voltar por a *grotta* da sibylla. Chegámos enfim ao *Arco Felice*, obra solida de tijollo, outrora ornada d'estatuas e marmore. O *Arco Felice* servia de botaréu aos lados da montanha, que os gre-

Defendemos sim o traçado pelo Valle do Vouga, porque os dados, que colhemos, nos convenem da conveniencia desta directriz, e de sua preferencia sobre a outra. Não temos neste nosso empenho outro interesse que não seja o bem geral, e a commodidade dos povos; outra paixão, que não seja a da verdade. E se outras são as nossas intenções, apresente o articulista de Campia as provas; e não nos venha fazer arguições graciosas, que nem sempre abonam o caracter de homem justo.

As nossas induções, em quanto ao valor relativo das duas directrizes, fundaram-se em informações fidedignas. A nossa opinião tem por si o voto de dois engenheiros, cuja pericia e competencia são incontestaveis.

Poderão os dados que nos foram fornecidos ser taxados de menos exactos n'uma ou n'outra circumstancia, por má interpretação nossa, mas na sua substancia e essencia, supponhamos verdadeiros, porque ainda não vimos argumentos, que mesmo de leve aballem as nossas convicções.

As razões adduzidas pelo correspondente de Campia são frivolas. Não lhes podemos dar outro nome por homenagem á verdade.

Nós tínhamos dito, e ainda não mudamos de opinião, que as estradas devem aproximar-se, quanto possível, aos maiores focos de população e aos centros mais activos de produção; que, seguindo o primeiro traçado, a direcção de Lafões satisfazia a estas duas condições fundamentais, e acrescentamos, que a segunda directriz pelas Talhadas nem mesmo tinha a seu favor a economia de construcção, não só por ser de difficil exploração pelas difficuldades do seu terreno, geralmente montanhoso e granítico, senão também porque a estrada nesta direcção demandava obras d'arte tão dispendiosas, como as do primeiro traçado, entre outras uma ponte no sitio de Jafafe, que não pôde custar menos, por um calculo razoavel, de oitenta a cem contos de réis.

Diz o correspondente que estes dados são falsos, e que na serra das Talhadas não ha montanhas nem cerros nem granitos, e exclama stupefacto em extasis de stólida admiração: — Blasfemia!! E blasfemia porque?

Será por ventura a serra das Talhadas algum sanctuario, ou a arca santa de alliança em que não seja licito cravar olhos profanos? Se tal é, perdão imploramos aos faunos dessas paragens, porque só esses podem julgar-se agravados com a nossa irreverencia.

Mas o que nos parece blasfemia, feita ao senso commun, é dizer-se, que n'uma serra e em terreno accidentado, e geralmente interrompido por soluções de continuidade não haja cerros.

Talvez o correspondente de Campia pense que isto de cerros seja algum bicho de sete cabeças. Pois não é. São elevações de terrenos, que a cada passo se observam em superficies accidentadas.

Quer que não haja granito nem montanhas na serra das Talhadas. Embora. Toda ella vem a ser uma montanha, ou se o não é, devem tirar-lhe o nome que tem de posse immemorial, e chamar-se-lhe planura.

Em tal caso, gloria ao articulista de Campia pela invenção. E tão calado que estava com a descoberta! Guardou-a para occasião opportuna. Andou bem.

Diz-nos que nunca viu na serra das Talhadas essas massas de granito de que fallámos.

Nós nunca accusamos o correspondente pela sua falta de vista. Deus nos livre de tal pensamento. Porque o correspondente não viu, não se segue por isso que os engenheiros que examinaram esse terreno não topassem com grandes extensões de rocha viva; e tanto que não poderam desviar o traçado de uma superficie toda granítica em um estadio de mais de legua no sitio das Bemfeitas ás Talhadas.

Tudo isto será illusão na nossa mente, porque na do correspondente os engenheiros, uns não sabem nada, e são os noviços, outros apesar da sua pericia, são tão papalvos que se deixam enganar pelos seus collegas. Só elle correspondente é que se não deixa illudir.

Que espirito tão esclarecido!

Para elle a opinião do engenheiro, o sr. Bandeira, é suspeita, porque é aprendiz no officio, não sabe ainda traçar a directriz de uma estrada, e é interessado em que lhe vizite a casa da sua familia. E o voto do sr. director das obras publicas d'Aveiro de nada vale, porque a sua intelligencia se deixou embaciar pelas suggestões do seu collega.

Que ruim causa não é a que defende o senhor Campia, que á mingua de boas razões se viu na necessidade de vomitar o insulto, a injuria grave e até a calúnia lançada á face de dois cavalheiros, geralmente bem avaliados na sua reputação de engenheiros!

Se o sr. Bandeira ainda não sabe tirar a directriz d'uma estrada, apesar da sua carta de engenheiro, da sua habilidade e do seu não pequeno tirocinio, quando é que ha de saber do seu officio?

Se elle exalta as conveniencias do primeiro traçado, para favorecer a sua familia, não falseia por ventura a sua consciencia, não falta ao seu dever, não mente aos poderes publicos, não escarnece da nação que lhe paga, enganando-a nas suas informações e encarecendo como bom aquilão, que só o é para sua familia? Estamos intimamente convencidos pela confiança que nos mereceu o sr. Bandeira, e pelos seus dotes de moço honrado e brioso, que não era capaz de representar o papel que deu ás mãos o seu visinho de Campia. Accusações desta ordem, dissimuladas em arteiras e cautelosas allusões, devem provar-se phantasia-as assim ao saber de imaginações esquentadas, poderão produzir certos efectos, re-

velando o caracter de quem as escreve, mas nunca servir para argumento em objectos serios.

Mas o peor de tudo isto é, que a estrada seguindo a direcção pelo valle de Lafões não fica servindo, na opinião do correspondente, senão para almocreves, e viandantes!! Ora bolas ao sacco! Ha certas descahidas que só servem para fazer rir. Pois para que mais quer o articulista uma estrada? Para salla de baile? Nem tanto.

Mais teriamos que dizer, mas á vista de tanta ingenuidade, devemos ficar por aqui.

M. J. de A.

## CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor.

Visinhanças d'Anadia 2 d'Outubro de 1861.

«Tributam os pescadores, O seu ob'lo d'affeição A'quelle que os seus direitos Defendeu com decisão.» «Campeão» n.º 959.

Caspite! Já do alto do pindo rolou o nome do sr. Manoel, já a prazenteira Erato entoou do alto d'um arco de buxo o nome do salvador da deffinhada Aveiro.

Não foi só o domador dos mares o intrepido Vasco, que mereceu um monumento eterno a seus gloriosos feitos, também o sr. Manoel teve uma lyra tangida com plectro de murta entre festões de variadas flores; também teve columnas de verdura e bambolins de buxo, topetando as nuvens nacional bandeira; caspite!

Como o symbolo de gloria, (padrão sublime!) o trovador levanta a empolada voz, e entre accessos d'arrebato estro tributa o seu ob'lo d'affeição. Vade retro grandezas tantas!

Que infinitas horas de entranhavel magoia ralaram o peito dos esperanças na promettida redempção até que á luz do dia surgiu d'um canto o orador famoso, arrombando uffano á eloquencia os cofres pedindo a materia discutida?

Agora, que os ob'los correm a fluz, em signal de gratidão, salve, mil vezes salve, resgatada cidade, que te não dá o olhar carcomida velha, ou que algum mocho agourento não venha sobre tuas ameas vaticinar sinistro provir. Eis um bispo, eis um batalhão, que mais vos resta?

Já os sectarios do sr. Manoel podem dar mutuamente os braços, e entre o Longo-Ron dos seus festins entoarem mais um hymno ao athleta propugnador dos seus direitos.

Mas se é certo o que ha pouco ouvimos, o sr. Manoel teve uma infelicidade que não podemos deixar de registrar.

Ha horas aziagas em que a grandeza óca desfralda as velas do infortunio, arrojando-se a um abysmo immensuravel. É a inconstancia dos tempos. Eis o facto;

Houve em Aveiro quem incomodasse o sr. Manoel para alcançar do governo, por meio d'um requerimento, certo despacho, a que a sua illustrissima bizarría se promptificou. Depois que o seu vulto occupou a cadeira de S. Bento ferviam as cartas ao esperanças, dando-lhe certa a sua pretensão.

Vindo o sr. Manoel descansar das fadigas do seu trabalho, preparou-se logo o afilhado para visitar e agradecer ao defensor dos direitos, tão grande fineza como julgava receber. Caso raro! O pretendente recebeu nesse momento uma portaria, advertindo-o de que o seu requerimento fora indeferido. Assim mesmo, embolsando a portaria, eil-o em caminho da Vera-Cruz. Tanto que penetrou os paços do conscriptor afflictorum, foi acolhido com a urbanidade ex instituto do sr. Manoel. Meu menino o seu negocio, posso-lhe dar como certo; está servido. Aquelle, que não pode soffrir por mais tempo o palanfrio do sr. Manoel, arrancou a portaria apresentando-lhe á vista. Qual seria a commoção de tão franco padrinho, julgando dar ao afilhado um foliar repimpado encontrou o forno frio e a massa cheia de bolór?

Parece incrível que tal facto se desse, porque seria desmerecer o sr. Manoel, e suscitaria uma ideia muito avessa d'aquella, que a tal trombeta cazeira espalha por toda a parte.

Á vista d'isto não posso deixar de dizer o que minha avó muitas vezes, sentada ao pé do berrallo, me encaixava nos ouvidos: — meu neto, mulher beata, homem resadeiro, mosso cortez, arrenegam-se todos tres.

Longe de nós deteriorar o merito do sr. Manoel, mas não podemos engolir, sem azia, as pilulas que nos pretendem impingir.

Anda tudo pela raza, Constante só Deus do ceu, Quem hontem por tal se deu, Hoje cahe, ferido d'aza.

Olhem que isto não é meu, li-o n'um cartapacio d'agua doce.

Pela inserção d'estas linhas lhe ficará summamente agradecido o de v.

\* \*

Sr. redactor.

Cantanhede 30 de setembro de 1861.

Muito barulho tem feito lá fóra os acontecimentos occorridos na Porcariça na noite de 21 do corrente.

Desfiguram-se os factos, aventa-se muita historia, e um juizo exacto talvez ninguem o forme. A coisa não foi realmente tão feia como a pintam, e, ainda que faz receber um pouco do futuro, o que se passou, a não ser a imprudencia do administrador do concelho, nem tomaria o vulto que se lhe tem dado, nem produziria os efectos, que o procedimento considerado e injustificavel daquela auctoridade tem provocado. Presenciamos quasi todas as diferentes scenas occorridas naquelle dia e noite, n'algumas mesmo nos fizemos tomar uma parte mais ou menos interessante, e logo que tenha vagar tenciono fazer uma

exposição minuciosa de tudo que vimos, e nos consta daquelles acontecimentos.

Primeiro iremos acudindo ao mais essencial.

A convite do reverendo vigario da Porcariça foi ali a philarmonica Restauração na noite de 21 do corrente. Pela manhã logo deste dia se espalhou a noticia de que a outra philarmonica lá hia fazer-lhe troça, boato que junto á noite correu como certo.

Estavamos na Porcariça, e quando a Restauração andava tocando pelas ruas appareceu effectivamente o Canario tocando castanholas, rodeado de 40 ou 50 homens inclusivé todos ou quasi todos os musicos da sua philarmonica tocando um rebeca e outro violão. O que fizeram e disseram fica para outra vez. É certo que toda a povoação da Porcariça conheceu o acinte, e mui difficil foi conter as massas irritadas, e dispostas a desforçar-se do insulto, que todos viam no que aquella gente andava praticando.

O perigo de se travar uma lucta horrivel era evidente, e pessoas sensatas se dirigiram ao administrador do concelho pedindo-lhe empregasse os meios para evitar a desgraça, que todos previamos, o que facil lhe era, ou resolvendo amigavelmente aquella gente, com quem estreitamente está ligado, a não achincalhar nem provocar a philarmonica, que socegadoamente exercia um direito tocando aonde a tinham chamado, ou se tanto fosse necessario, tomando quaesquer medidas de prevenção, que o seu poder lhe conferia e mesmo exigia nas circumstancias que se davam.

O administrador não quiz desgostar a sua gente, e julgou satisfazer respondendo — quem as fizer ha de pagalas — e as prevenções, que tomou foi hir chalacear com os provocadores, e dar recadinhos ao ouvido do chefe da troça mestre Canario!

Que lhe diria? quem sabe! talvez fosse recomendar actividade na execução do plano já combinado, como todas as circumstancias. É certo que depois daquelles segredos o Canario se tornou mais ousado, e começou publicamente a mostrar um punhal no meio d'exclamações á sua gente, e provocações e desafios aos contrarios. Foi depois d'essa recommendação ao ouvido, que Canario publicamente preparou um punhal atado ao punho com uma fita, e se dirigiu a mim, que por ali passeava na companhia d'alguns amigos para obstar a qualquer eventualidade desagradavel, que porventura occorresse: foi depois d'essa recommendação, repito, que Canario se dirigiu a mim injuriando-me e provocando-me a um conflicto, que seria inevitavel, a não ser a disposição em que eu estava d'evitar quanto em minhas forças coubesse a desordem, que previa horrivel, pois começada assim traria immediatamente consigo uma lucta, em que por uma parte estavam 40 ou 50 homens armados, e para aquillo já preparados; e do outro lado estavam 100 ou mais homens desta villa, e povoação inteira da Porcariça, a custo contida até ali: estas considerações, pois que desde o principio da noite me faziam andar afflictio, obstar a que respondesse como merecia, e ao contrario recando que algum menos paciente castigasse o atrevimento daquelle miseravel, só lhe respondi mandando-o calar, e ir embora, tratando ao mesmo tempo de aconselhar prudencia e socego á immensa gente, que se hia agrupando, dizendo-lhes estar tudo acabado, e nada valer.

Nesta occasião chega o administrador, a quem rindo começo a contar a historia, quando um dos mais atrevidos guerrilheiros das castanholas apparece pretendendo atravessar a turba, que nos cercava, e retido por algum que lhe pediu não viesse complicar o negocio já acabado, levanta sobre elle uma pancada; o pau, porém, foi aparado no ar, e immenso povo lhe salta em cima, agarra-o, deita-o ao chão, piza-o etc. etc.

Canario aproveita o ensejo e fuge com a comitiva, deixando aquelle desgraçado companheiro victima da turba exasperada, e que seria irremediavelmente morto, se não fossem os esforços daquelles mesmos a quem elles hiam provocar. Concorri quanto pude para salvar esse homem, cujo testemunho invoco, e felizmente conseguimol-o, não podendo comtudo obstar-se a que elle ficasse levemente ferido. Tiraram-lhe e partiram-lhe um pau com chõpa, viram-lhe um punhal e uma pistola e prenderam-no...

Deixaremos por agora a sultura arbitraria e illegal deste individuo preso em flagrante, armado e causador da desordem: para ontra occasião trataremos da injusta prisão feita pelo proprio administrador de dois, um dos quaes é musico da outra philarmonica, e ainda tocava quando se travou a desordem; e façamos algumas considerações sobre o procedimento da auctoridade até este ponto.

Tudo indica, que aquella provocação estava premeditada, e o administrador era sabelor della.

Recapitemos — Logo pela manhã se publicou o projecto; e á noite andou Canario a bater por ali á porta dos seus philarmonicos, recommendando-lhe pressa e coragem, pois, dizia elle, não tenham medo — seis ficam por minha conta, vão-se dispoendo quatro para me trazerem n'um lençol, etc. etc. — O administrador esteve em Cantanhede até ás 9 horas da noite, esteve na companhia dos que dirigem aquella gente, estes não foram á Porcariça, por preverem, (são elles proprios que o dizem), o conflicto inevitavel com a hida para lá do Canario e companheiros.

O administrador mandou hir o regedor d'aqui com alguns cabos, e chegando á Porcariça não fez recommendação alguma ao regedor de lá: instado para tomar medidas preventivas respondeu o que já vimos, e foi rir e conversar em

segredo com o chefe do motim; e em seguida aquella recommendação ao ouvido prepara o punhal e dirige-se a mim.

Note-se agora que o administrador me attribue diferentes correspondencias do Districto, e por ali tinha publicado, que hia responder-lhe dirigindo-se a mim.

Á vista de tudo isto duvidará alguém, que Canario e o seu punhal era o incumbido de responder ás arguições, que o sr. Moreira julga feitas por mim? Vê ou não toda a gente, que o administrador era conivente naquellas provocações, era o incitador e motor daquellas scenas? O publico avaliará, e pelo procedimento posterior da auctoridade, verá se nos enganamos no nosso juizo!

Confundamos porém esse ignorante, que pretende hoje defender-se dizendo, que não tinha direito para fazer conter, ou mesmo retirar aquella sucia provocadora.

Então a auctoridade administrativa não tem direito e mesmo obrigação de tomar quaesquer medidas preventivas para evitar um conflicto, que se apresenta imminente? Então o administrador não pode fazer retirar, ou mesmo reter em custodia quaesquer individuos, que manifestamente insultam e provocam á desordem? Pois o administrador não pode, e até deve, intervir com a sua auctoridade prohibindo ou fazendo cessar quaesquer actos manifestamente injuriosos e provocadores, quando toda a gente vê o perigo imminente de se travar um conflicto horrivel? Pois o sr. Moreira não devia fazer retirar Canario com aquelles 40 ou 50 homens, a maior parte disfarçados e mascarados, conhecendo como toda a gente o fim injurioso, que ali os levava? Pois o sr. Moreira, como amigo intimo que é daquelle gente, não devia, quando não quizesse intervir como auctoridade, aconselhar-os amigavelmente para que se retirassem, ou ao menos não continuassem provocando, achincalhando, e desafiando quem só desejava evitar a lucta?

É muita cegueira ou muita desfaçatez buscar tão miseravel evasiva. É a sorte dos ignorantes!

Exm.º sr. governador civil de Coimbra, digne-se v. ex.ª prestar attenção ao estado deste concelho! Bem sei que v. ex.ª providenciará, como entender e julgar conveniente, estou certo das boas intenções de v. ex.ª, mas receio que elles tenham hido desfigurar os factos, inverter as coisas, e illudir v. ex.ª fazendo-lhe politica, no que só ha — necessidades locais —. Pessoalmente tivemos a honra d'expôr a v. ex.ª as necessidades e desejos destas povoações, elles porém hão de querer attribuir a indisposições particulares, o que só é a expressão fiel dos sentimentos deste concelho todo!

Exm.º sr., venha v. ex.ª averiguar pessoalmente de que lado está a verdade e a justiça; venha v. ex.ª aqui e pessoalmente examinará quem representa os interesses desta localidade, se nós pugnando pela incompetencia do actual administrador, se elle acubertando-se e encabeçando em politica estas reclamações!

É bem pouco o que pedimos; — venha v. ex.ª aqui, e á frente uns dos outros na presença de v. ex.ª averiguaremos a verdade, e v. ex.ª adquirirá a certeza, de que alem de meia duzia de facciosos, toda a gente attestará a inconveniencia de conservar aqui um tal homem?

Exm.º sr. — nós não pretendemos nem invejamos o poder, não digam elles, que por politica guerreamos a auctoridade, mentem, venha um homem intelligente e recto, probe e imparcial, estranho ás questões locais, que nos dividem, equal para todos, e fazendo justiça a quem a merecer, e embora seja o mais puro e legitimo historico de que reze a historia, nós seremos o primeiro a apoiar-o e a applaudil-o!

Esta é que é a verdade!

Sou com toda a estima e consideração

De v. etc.

Antonio Pessoa Alves da Fonseca.

## VARIEDADES

### O MOSTEIRO

«... O mosteiro podia dar ao coração do homem um pouco de ar sem veneno...»

C. C. Branco (Os Myst. de Lisb. cap. 2 liv. 2)

Alcaçar do Senhor! berço da Crença!  
Sepulchro das paixões de um mundo haurido  
De fé e de virtude!... Ouve os meus versos.  
Poeta do soffrer deu-me o destino  
Atra lyra que só plagentes notas  
Sabe vibrar... Negou-me a Sorte os risos!  
Poeta do soffrer... posso cantar-te.

Quando o homem, do mundo aborrecido  
Olhava este viver, cadêa horrenda  
Unido o berço e a dor com nó de ferro...  
Quando, na vida a paz achar queria...  
Ou, recompensa ter de chorar sempre...  
Buscara-te! — gigante que apontavas  
Para a cruz, como do infortunio meta.  
D'entre o claustro quem lagrimas vertia  
Eram lagrimas puras que o Ceu regam!...  
Alli achava o homem novo allivio  
N'outra vida melhor mais recta e doce...  
Um crepusculo do Ceu... a paz na terra.  
Quantas vidas de turbulentos dias  
De pesadas paixões — sarou teu balsamo?  
Eras como um cadinho que elevavas  
As almas para o Ceu, do vicio hauridas!  
Alli só se vivia... mas da vida  
Da vida do Senhor, não d'este inferno  
Das paixões e do crime!...

O borel roto  
Sentiu bater mil peitos que buscaram  
Juncto á cruz, do soffrer allivio e meta!  
Sentiu batel-os fortes e anhellantes  
Té placidos jazerem, como a lympha  
Em cavidade immota. Esses levitas  
Que assim foram trazidos do infortunio,  
Sabiam consollar, discepulo aos vivos  
A paz que n'este mundo achar não podem!

Ai tudo isso passou! Teu mudo templo  
Teu atrio denegrido e encapotado  
De virente epiderme — ao mundo dizem!  
Hoje... não és mais que um longo asylo  
D'aves da morte que seusinhos fazem.

O templo — qual gigante derribado  
Chora o passado seu, cubrindo as câs  
Com vergonha e com dó... vindo que o olham  
Com sarcasmos alguns, com rizados outros!!...  
Propheta do Senhor, qual foi teu crime?  
Hoje... quem d'esta vida achar-se oppresso  
Não encontra essa cruz, que outr'ora achava...  
Acha vicio e só vicio e o vicio o farta!  
Hade—ou seguir tal norte escuro e horrendo  
Fechando os olhos da razão e crença...  
Ou... fazer o que a morte fazer deve!  
Morrer como um atheu!—negar desta alma  
A segunda existencia!...

O' leis! O' homens!  
O' da desgraça effeito!...

Lei Suprema!...

Vianna 23 de setembro de 1861.

## NOTICIARIO

### Cum brutis non est luctandum.

— «A admitir que no concelho d'Aveiro se vendesse actualmente a carne mais cara sete reis em arratel que no anno passado, haviamos de conceder que ella foi então vendida por 48 reis, o que é absurdo dizer-se.»

Assim o escreveram no n.º 966 do seu jornal, e no n.º 968, isto é oito dias depois dizem: «Não foram 48 rs. foram 58 rs. o que escrevemos!!!»

São sempre assim: em dizendo duas cousas uma affirmar e outra negar.

Mas supponhamos que queriam escrever em lugar de 48 rs. 58 rs., a que veio, que era absurdo dizer-se? Se havia absurdo era nelles, um absurdo arithmetico.

Querem a demonstração? ahi va:

Dissemos que este anno comiamos a carne mais cara sete reis e meio em arratel, comparado o actual preço de 65 rs. com o do anno passado que foi meio anno a 55 rs. e meio anno a 60 rs, isto equivale a dizermos que todo o anno passado comemos a carne a 57 reis e meio o arratel; ou por outra comemos a carne mais barata do que este anno, seis mezes 10 rs. em arratel, e seis mezes 5 rs.

Ora já veem que o absurdo consistia em dizerem 58 rs e não dizerem 57 reis e meio.

Ainda voltarão a este assumpto?  
Pedimos-lhe que não volte, porque se estão denunciando miseravelmente.

Não acreditam que o repezo fosse proposto e approvedo como obrigatorio, e que lhe havemos nós fazer?

Nada acreditam e desacreditam tudo. *Cum brutis non est luctandum.*

Perguntem á vereação transacta e ao conselho de districto porque razão firmaram semelhante disparate.

Já lhe ficou bem precizada a epoca em que a vereação transacta arrematou o fornecimento das carnes; esperavamos a resposta prometida, mas não veio.

Já dissemos bastante sobre o arboricidio da alameda de Santo Antonio; demais disto, todos os habitantes d'Aveiro que viram aquellas formozas e corpulentas arvores em pé, e depois viram as mesmas no chão, pôdem attestar se estavam carcomidas, velhas e podres, e mesmo podemos ir inquirir a madeira dessas arvores, e lavraremos uma acta do depoimento dellas, que será um verdadeiro corpo de delicto, assim julgado na opinião publica dos aveirenses.

Se de facto o actual presidente da camara não fez a promessa d'entrar com um conto de reis no cofre municipal como remissão do seu peccado, (arboricidio) declare-o no seu jornal e assigne a declaração, que nós nos retractaremos e pediremos ás outras pessoas, a quem elle igualmente o disse, que se retractem. E olhem que nessa occasião não fallou no tal conto de reis, que o governo (dizem) va encontrar nas terças do concelho. Este conto de reis veio com a cedencia que o governo fez da cerca de S. Domingos.

Deixaram a *front d'airain* que por pouca propriedade nós lhe substituímos por *fronts aux soufflets de tout le monde, fronts aux crachats d'un ex Prefet*, e que diremos em claro portuguez, caras esbofeteadas por toda a gente, e caras esbofetadas por um ex-governador civil, e vem agora com a fronte vilã, feições patibulares, etc. Ora deixem isto, que é velho, e que têm applicado a muitos. Olhem que pela terceira vez os avisamos, de que temos a collecção do seu jornal.

Era melhor não fallarem em caras aquelles que assim deixaram prostituir *as suas*.

Do *exemplifiquemos* para baixo desempenham cabalmente o seu officio, caluniar-nos até á saciedade. Se os cavalheiros que alli se mencionam nos não conhecessem, e não os conhecessem a elles para devidamente os avaliarem, justificarmos-nos-iamos, mas assim e appellando para o testemunho de cada um, não lhes respondemos.

Então nunca difamaram os srs. Marques Tavares, Mendonça, João Roque, Francisco Manoel Couceiro? Se não tivéssemos muita consideração

por alguns destes cavalheiros reproduziríamos o que escreveram no seu jornal, mas ainda assim, se os que mais consideramos nos derem permissão, não teremos duvida em o fazer.

O que nós não sabemos, o que mesmo não podemos explicar é como alguns delles não se escaldam ao apertar a mão que taes cousas escreveu!!!

Da mesma forma nada disseram contra os srs. Francisco Joaquim de Castro, Francisco Antonio Rezende, Manoel Martins, José Luciano de Castro e tantos outros, não disseram nada não, é tudo calumnia nossa.

Os incendiarios de Ferreiros de Tendaes esperavam ver neste n.º do vosso jornal o nome do homem a quem elles mandaram pôr fogo ás propriedades, mas ainda d'esta vez não veio. Provavelmente estão lendo a chronica d'aquella localidade, que ha de rezar deste facto.

Incendiarios de Ferreiros de Tendaes, e moedeiros falsos d'Aveiro são uma, e a mesma couza, são da lavra dos calumniadores.

É possivel que alguma vez nos vissemos na necessidade de lhe escrever, ou responder a alguma carta, e que dicessemos amigo obrigado; mas bem se vê, que aquelle *amigo obrigado* foi obrigado pelas regras de boa civilidade; e elles bem conhecem a impropriedade, por que a dizer a verdade, não nos lembra obrigação alguma que lhe devamos, a não ser denunciar-nos e caluniar-nos sempre que podem, e podem sempre fazendo-o como fazem e tem feito.

Dos beijos não estamos lembrados, mas se em alguma occasião lhe demos algum, hiamos de baixo da impressão da leitura dos artigos alluzivos a elles, que se escreveram no jornal a *Imprensa*.....

Sabemos que o nosso prestimo é muito diminuto, mas ainda assim temos a consciencia, de que nunca ninguem recorreu a elle, que nos não achasse promptos a acudirmos com aquillo, que estava ao nosso alcance, e até estão na nossa gaveta documentos bem honrosos para nós, já da meza da Santa Casa da Misericordia desta cidade já da vereação de 1855 agradecendo-nos os muitos e relevantes serviços que fizemos no tractamento dos colericos, e serviços gratuitos, como são, e tem sido sempre os nossos serviços clynicos a todos os enfermos que nos chamam.

Se não fossem calumniadores de profissão não dizião o contrario disto, se não tivéssemos tantos exemplos de negarem tudo até para o testemunho d'elles appellavamos, para os de pessoas das suas familias e d'alguns seus amigos, que por pedido d'elles temos tractado.

Decididamente o mundo tem muitos malvados.

Olhem que não dizemos isto como satisfações, Deus nos livre de lhas dar.

Agora perguntamos-nos, que serviços lhes deve Aveiro, ou algum dos seus habitantes a não ser a continuada difamação, e a mais negra calumnia contra todos e contra tudo?

Honramo-nos muito com a amizade do sr. José Estevão e visconde de Castro, mas declaramos *urbi et orbi*, que nunca os encomodamos, nem nos prestaram officio algum para nos sustentar no nosso emprego, ainda ha bem pouco tempo fomos avisados, de que eramos transferidos, e que uma carta vinda de Lisboa assim o dizia, alguém nos lembrou, que escrevessemos a algum destes amigos e nós recusamos a lembrança.

Temos mesmo a consciencia, de que em quanto cumprimos com os nossos deveres, e quizermos estar na posse do nosso emprego havemos d'estar, em que peze a esses infames calumniadores, verdadeiros guerrilhas da imprensa, e que não sabem fazer fogo a peito descoberto, mas só d'emboscada, e quando os dezafiamos para que se descubram e formulem as suas torpes acuzações, e de modo que não as provando, lhes possamos pedir a responsabilidade, fogem espavoridos, mas sempre repetindo a calumnia.

Já lhes dissemos e repetimos, se somos incendiarios venha o nosso nome e o da pessoa a quem pertenciam as propriedades incendiadas; se não cumprimos como empregado as nossas obrigações, e se prevaricamos basta-nos, que no seu jornal digam, o empregado tal não cumpre as suas obrigações nisto, ou naquillo, o empregado tal prevaricou nisto, ou naquillo e assignem com o seu nome esta accusação, provada ella, ficamos sem o nosso emprego e pôdem então servir com elle algum daquelles a quem o tem prometido. Façam assim, que fazem bem e corajosamente.

Por fim não podemos deixar de lhes responder áquella ameaça que nos fazem, *de nos agarrarem pela gorja*, com um conceituoso trecho da fabula *et etiam tu dedecus natura*, e para que não encomodem quem lho traduza damos-lhes a traducção e *tambem tu descredito, deshonra, infamia, injuria, oprobrio, vileza da natureza*.

Elles já sabem por experiencia propria o que lhes tem custado as difamações e calumnias, mas que se pode esperar de quem quando os esbofetavam pediam, e só pediam, que lhes não quebrassem os oculos!!!

E são homens destes que nos ameaçam que *nos não de agarrar pela gorja*,

*Quem não tem vergonha todo o mundo & seu.*

**Locomotiva.** — Teve effectivamente lugar na quinta-feira a primeira corrida da locomotiva desde Estarreja até Avanca. Correu proximoamente 8 kilometros em pouco mais de 8 minutos, com o melhor successo, e levando a pós de si alguns carros com diversas pessoas convidadas, e outras d'aquellas immediações que alli concorreram.

A locomotiva estava enfeitada com flores e bandeiras, e foi saudada na sua passagem com vivas á *empresa Salamanka*, por muitos operarios que orlavam a via.

Em Avanca teve lugar um *lunch* campestre mandado preparar pelo sr. Calderon, e a que assistiram, alem dos empreiteiros e alguns amigos que o haviam acompanhado do Porto, entre os quaes se contava o sr. engenheiro Mousinho, todos os outros convidados que poderam comparecer.

Desta cidade apenas compareceu o sr. engenheiro director das obras publicas. Era tarde quando aqui se receberam os convites do sr. Calderon, por que vieram pelo agente da empresa o sr. Pereira Junior, que se acha na Costa, e donde só na quarta-feira á noute e já tarde os pode enviar, ignorando-se alem d'isso a hora precisa em que partia o comboi. Pela nossa parte foi este um dos motivos porque não comparecemos, com bastante sentimento. Damos aqui esta satisfação ao sr. Calderon, cuja delicadeza muito nos penhorou.

Pela mesma razão talvez deixou a primeira auctoridade do districto de honrar esta festa nacional com a sua presença, porque de certo não deixou tambem de receber convite.

O caminho, affiança-nos pessoa competente, está optimo, e os *rails* bem assentes, sendo dignos do maior elogio a empresa constructora, como os engenheiros directores os srs. Calderon e Santa Maria.

**Festividade.** — Festejou-se anthontem na capela de Santo Antonio Nossa Senhora das Dores. Houve missa cantada, a instrumental, e sermão de manhã e de tarde.

**Risum teneatis.** — Não ha mula de doutor que não estropeie o seu pedaço de latim. Assim o disseram, e eis a razão porque elles se julgam habilitados a tambem estropear o seu pedaço de latim. Elles e uma mula de doutor correm parelhas.

Emendaram o *contiquere*, tirando o *l*, e substituindo o por um *i*, e deixaram *hominis* aonde escreveram umas poucas de asneiras!!! Julgavam que lhe fallavamos naquellas duas palavras latinas, se fosse só o *l* em lugar do *i*, e quando tratam d'emendar, emendam o erro, que facilmente se conhece ser tygraphico, e deixam o *hominis* como documento do seu saber.

*Quem te manda a ti sapateiro tocar rabecão.*  
Para outra vez se escreverem estas duas palavras, escrevam assim — *Contiquere omnes.*

**Caixa Economica.** — Damos em seguida o seu balanço, relativo a mez de setembro do corrente anno.

Entradas:	
Depositos recebidos.....	1:563\$660
Letras pagas.....	817\$190
Juros recebidos.....	77\$835
Saldo do mez antecedente.....	3:042\$710
	5:501\$395
Sahidas:	
Emprestimos.....	765\$260
Depositos restituídos.....	149\$800
Juros pagos.....	1\$580
Dinheiro em caixa.....	4:584\$755
	5:501\$395
Somma dos depositos existentes em 30 de setembro —	14:449\$605 rs.
Dita das letras em cofre na mesma data —	10:517\$990 rs.
Caixa economica de Aveiro, 6 de outubro de 1861.	

A. Pinheiro  
2.º SECRETARIO.

**João do Veu.** — Aparece este *heroe* a figurar em uma correspondencia do outro jornal que ahi se escreve! Bravo!

Estão as pazes feitas, e desfeitas as injurias e accusações.

Não admira. Engolem sempre a injuria que vomitam.

Ao sr. do *Veu* nada temos que responder, porque não costumamos descer ás enxovias, e escolher ali os nossos adversarios. Aquelles que lhe escreveram o libello, e que lhe deram a mão para o erguerem até á sua sala de visitas, ainda enlameado pelo lodo que lhe atiraram ás faces delle, de seus avós e descendentes, que lhe respondam.

Nós não lhe vasculhamos a genealogia..... de *forçados*; foram elles, que hoje lhe apertam a mão. Que o sr. José Estevão, o sr. Mendes Leite, ou outros quaesquer lhe chamassem já amigo, não acreditamos, mas que o João do Veu lhes prestasse já serviços eleitoraes, é possivel e não admira. Nenhum destes senhores escreveu nunca que elle era *neto de ladrão, filho de ladrão ladrão elle mesmo, e pae de ladrão*, o que admira é que esses que assim o escreverem tractem com elle, e o tenham na sua intimidade condecorando-o com o retrato como prova da particular estima, que lhes dedicam.

Parece que nos fallou ahi em desenterrar mortos, a ameaça será para cá, ou para lá? Creemos que é para lá, por que foram elles quem lhe desenterraram pae e avó, mas seja com quem for o malvado pode fazer o que lhe aprouver.

**Reunião eleitoral.** — No dia 30 do passado houve uma reunião no concelho d'Aguada com o fim de confeccionar uma lista para a camara do futuro biennio. Consta-nos que ficara apurada uma com os nomes dos mais distinctos cavalheiros do concelho, sendo 5 ou 6 bachareis — promettemos publica-la logo que chegue ao nosso conhecimento.

Os cargos municipaes são pezados, e porisso aquelles que se prompificam a servil-os, por sua iniciativa, mostram dedicação pelo bem publico, e merecem louvores graes, e tanto mais quanto nos informam de que até aqui a administração municipal não tem corrido com muita regularidade naquelle concelho.

Resta-nos ver se esta lista, que os interesses

do municipio preclamam e o bom senso aconselha, é ou não approveda pela auctoridade.

**1.º de Dezembro.** — Recebemos no dia 4 do corrente, o manifesto que a comissão eleita em Lisboa para indicar o melhor modo de se solemnizar o dia 1.º de dezembro, dirige ao publico bem como a circular que o acompanha. Apresamos-nos a dar conhecimento aos leitores d'este importante documento em que se propõe um alvitre que não pôde deixar de merecer a acceitação publica.

CIRCULAR.

A comissão eleita em Lisboa para regular o modo por que se ha de celebrar n'esta capital o anniversario do memoravel dia 1 de dezembro de 1640, decidiu sem discrepancia, que as usuas demonstrações de regosijo publico, os festejos ruidosos que promovem ajuntamentos, e excitam manifestações ás vezes imprudentes, não condiziam com a gravidade e sizudeza que deve ter a commemoração d'este anniversario nacional; tanto assim que os proprios restauradores da nossa independencia, se limitaram a celebrar-o e perpetuar-o com a solemnidade religiosa d'acção de graças ao supremo Arbitro do destino das nações; voto este que nós, como seus descendentes e catholicos, devemos cumprir, sollicitando que se observe em todas as parochias da monarchia.

Além d'este dever religioso, todos os testemunos perennes da nossa gratidão prestados á memoria dos libertadores do reino, serão bem cabidos n'esse dia, excepto os ephemeros, que embora alegrem o animo, não deixam na memoria do povo a recordação permanente d'este grande feito de patriotismo, o mais audacioso de que ha memoria na historia universal.

Pelo que, resolveu a Comissão:

1.º Que o «Te-Deum» instituido pelos restauradores da independencia de Portugal em 1640, e que ainda annualmente se canta na Sé de Lisboa, seja este anno celebrado com a maxima solemnidade.

2.º — Que n'esse dia, e na frente do palacio dos condes de Almada, onde se reuniram e conspiraram os auctores da gloriosa revolução de 1640, se levante um padrao em que se gravem e perpetuem os seus nomes, com a seguinte inscripção: AOS RESTAURADORES DE 1640. A CIDADE DE LISBOA EM 1861.

3.º — Que se publique, tambem n'esse dia, um compendio da historia de tão patriótica e legitima revolução, para ser distribuido gratuitamente pelas escholas publica do reino, e generalisado pelo povo, com o intuito de lhe inflamar o amor e zelo da independencia nacional; cuja restauração e manutenção tanto custou a nossos avós.

4.º — Que estas deliberações se communique ás commiões já instituidas, e ás que se houverem de crear, a fim de que todas concorram para a unidade d'esta manifestação nacional.

Não cabendo no tempo que decorre até ao proximo dia 1 de dezembro, adoptar outros alvires que foram propostos á Comissão Central, decedeu-se que ficassem reservados para opportunamente se lhas dar solução.

Lisboa 30 de setembro de 1861.

O presidente, Antonio Esteves de Carvalho — Os secretarios, João Ricardo Cordeiro Junior, Wenceslau de Brito Aranha.

MANIFESTO.

A comissão eleita pelos cidadãos lisboenses que se reuniram no historico palacio dos condes de Almada, para prescrever o modo por que na capital se ha de dar maior solemnidade ao anniversario da revolução de 1640, que restituiu a Portugal os fôros de nação independente, de que fôra esbulhada por Philippe II de Castella em 1580, julgou conveniente, antes de tomar qualquer arbitrio, expor aos seus eleitores e a todo o reino, a interpretação que dá ao mandato com que foi honrada, derivando essa interpretação, não só dos termos em que elle é concebido, mas tambem do pensamento que attribue ao povo portuguez, na commemoração solemne, que tanto em Lisboa como n'outras terras do reino, deliberou fazer no dia primeiro de dezembro proximo.

O povo portuguez, seguro da sua existencia nacional, e conscio dos imprescriptiveis direitos em que ella assenta, sem ter esquecido as heroicas acções com que seus antepassados conquistaram e mantiveram a independencia da patria, havia quasi apagado, pelo seu caracter humano e pacifico, a recordação publica de cruentas pelepas, que foram mais um desengano, entre tantos que a historia accumula, de que a força e ambição, por si só, não lograram no mundo triumphos duradouros.

Depois que a Hespanha perdeu Portugal, por essa lei immutavel, que em diferentes periodos, mas com o mesmo rigor, tem posto por terra todos os senhorios creados sómente pela violencia, os dous povos da Peninsula, constituídos em nacionalidades separadas, tem corrido a mesma sorte, tanto nas contendas internas, como na grande lucta européa, em que batalharam pelo mesmo principio, alcançando dos seus triumphos, não a sujeição de um ao outro mas a independencia de ambos.

A França, com inteira abnegação, depoz no archivo das suas glorias militares o mappa das conquistas que fizera; e, convencida de que a sorte das armas fôra a sentença da razão e da justiça, nem hoje, que tão crescida está em poder, e tão voltada ás suas recordações guerreiras, se julga com direito aos dominios que perdeu, nem tão pouco se mostra propensa a empregar os seus exercitos para os reconquistar á face da Europa.

A Hespanha, segundo este exemplo, não se humilha; antes fôra mais para lhe estranhar a el-

la o intento de avassallar Portugal, do que a França designio de retomar os estados que outrora formaram o seu ephemero e revolto imperio.

A dominação estrangeira gera sempre rancores que se transmitem de geração a geração, e que só o decurso do tempo pode apagar; sobretudo quando esse dominio pesou duramente sobre uma nação ativa e generosa.

Ha quasi tres seculos que nossos avós cahiram na servidão estranha. A Providencia punia talvez com esse castigo uma epocha de lastimosa decadencia moral. Sessenta annos de oppressão reanimaram, pela dôr de cruéis padecimentos, as virtudes publicas esmorecidas, e os brios heróicos de um povo de soldados. A gente portugueza quebrou então o jugo, e combateu. Deus abençoou os seus esforços. Suppunham que Portugal se ia dissolvendo no tumulto; e elle, como Lazaro, ergueu-se á voz do Senhor!

A lucta foi longa, e ainda hoje, n'esta terra da patria, que é santa para nós, como esperamos que o seja para nossos netos, ha vestigios do que nos custou a independencia e a liberdade.

A geração que combateu, a geração que layrou com sangue o seu testamento politico nos campos de batalha, ou nos muros rotos das povoações incendiadas, legou aos filhos uma herança de odio vingativo. Aquelles tempos não eram como estes possos: e que o fossem, se essa ruim paixão pôde ter desculpa, é quando se enraiza no coração do que é ou do que foi servo contra os seus oppressores.

Os annos volveram, a civilização caminhou; a razão publica esclareceu-se: e d'esses rancores antigos não restava, entre o nosso povo, senão uma desconfiança que tinha a sua plena justificação na historia. O que fôra odio implacavel, e depois repugnancia tenaz, começou a converter-se entre as classes mais cultas, n'uma sympathia propria de bons vizinhos, e digna de povos civilizados e christãos.

Infelizmente, houve quem tomasse esta transformação, que não é mais que indicio de progresso e de brandura nos costumes, como symptoma de indifferença pela propria nacionalidade. Houve quem pensasse, que seguindo o exemplo do nosso velho alliado dos tempos heróicos, o guerreiro Aragão, cujo elmo de bronze, dourado pelo sol de cem batalhas, jaz cahido ao lado do leão de Castella, não nos repugnaria ver enxerir as quinas a um canto do escudo hespanhol! Era um d'aquelles equivoques que fazem sorrir mudamente; mas n'este caso a mudez interpretou-se como indifferença, talvez como approvação.

Parte da imprensa periodica de Madrid suppoz que havia em Portugal quem estivesse enfadado de ser portuguez; e insinuou, que se nos unissemos á Hespanha, podiamos realizar altas phantasias de poder e engrandecimento, de que uma nação não precisa para ser feliz, nem aproveitar mais á civilização commum, para a qual todos os Estados, pequenos e grandes, podem concorrer.

Porque deixamos passar sem contestação esses devaneios, pouco faltou para que tudo quanto constitue o nervo de uma nação, que os representantes de todas as actividades d'esta terra, os representantes da imprensa, da tribuna, da propriedade, do capital, do commercio, da milicia, do sacerdocio e da magistratura, fossem declarados ibericos! Pintavam um verdadeiro 1580.

Estas dissertações da imprensa interessada, e por isso incompetente, passaram as raias da Peninsula e acharam ecco n'outra imprensa além dos Pyreneus, que tem a seu favor a presumpção de imparcialidade. Não affirmamos que o facto fosse fortuito e gratuito; o que sabemos só, é que a poesia tornouse doutrina, a utopia systema e que depois d'isto não é permitido o silencio.

Precisavamos, portanto, expôr claramente a opinião unanime do povo portuguez, e assegurar aos homens e aos governos que se interessam no melhor regimento da familia europêa, que é animo e deliberação nossa, defender a integridade do territorio que possuímos, não aceitando aggregações incongruentes com o character e tradições nacionaes, e que nos empenhamos quanto cabe em nossas facultades, e nol-o permittem os obstaculos da governação que todos os povos têm encontrado nos aperfeiçoamentos sociaes, por serem dignos de fazer parceria com as nações civilizadas, tanto pelos nossos feitos passados, como pela nossa vida contemporanea.

Nenhuma razão politica, moral ou economica, em beneficio commum da Europa, exige que Portugal e Hespanha formem um só Estado; e o direito publico europeu, reconhecendo nestes ultimos tempos, para todas as annexões e transacções politicas, como condição indispensavel, a vontade manifesta dos povos, não permite que se constranja uma nação, por mais pequena que seja, a abdicar o seu nome, o seu passado e a sua autonomia.

Portugal, avivando e celebrando com mais solemidade o anniversario da reconquista da sua independencia em 1640, nem pretende ferir o pundonor da briosã nação hespanhola, nossa amiga e alliada, nem resuscitar os odios que outrora inimisaram os dous povos convizinhos.

Não quer reptar-a. Não leva a mão á espada. Unicamente aponta para o seu direito, e diz á Europa que está decidido a defendel-o.

Nehum outro motivo inspirou aos portuguezes a ideia de manifestar o seu patriotismo, determinando sem insinuação nem concerto previo, na capital, nas provincias, em cidades e aldeias, repor na memoria nacional, com e devida solemidade, o anniversario da restauração da nossa independencia em 1640.

O modo mais adequado de celebrar este anniversario, pareceu-nos ser aquelle mesmo que es-

tabeleceram os nossos libertadores, com o addicionamento que a nossa gratidão lhes deve.

Na circular que junta com este manifesto dirigimos ás commissões já instituidas, e ás que se houveram de crear, vão indicando os alvites que adoptamos.

O sentimento publico, assim como se moveu, de per si, a esta manifestação, ha de realisar-a com sizudeza, sem ostentações vãs, e com a circumspeção que demanda tal solemidade.

Lisboa, 25 d'Agosto de 1861.

Alexandre Herculano — Anselmo José Bramcamp — Antonio Esteves de Carvalho — Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu — Antonio José Marques Leal — Antonio José Pereira Serzedello Junior — Antonio da Silva Tullio — Ayres de Sá Nogueira — Conde de Almada — Conde de Redondo — Custodio Firmo Rodrigues — Domingos Ferreira Pinto Bastos — Feliciano de Andrade Moura — Francisco Vieira da Silva — Innocencio Francisco da Silva — Jacintho Augusto de Freitas Oliveira — João José Barbosa Marrecá — João Daniel de Sines — João Luiz de Moraes Mantas — João Ricardo Cordeiro Junior — Joaquim Antonio Gonçalves Teixeira — Joaquim José Pereira Guimarães — José Cesar Giurian — José Estevão Coelho de Magalhães — José Joaquim Alves Chaves — José Maria Chaves — José Maria Frazão — José Maria da Silva e Albuquerque — José Mauricio Velloso — José do Nascimento Gonçalves Corrêa — José da Silva Mendes Leal Junior — Luiz Augusto de Castro Guimarães — Luiz Filipe Leite — Luiz Telles de Mello — Luiz de Vasconcellos de Azevedo e Silva — Manoel Coelho Torrezão — Manoel de Jesus Coelho — Pedro Wenceslau de Brito Aranha — D. Sebastião Maldonado.

**Desculpa** — Pedimos desculpa ao revd.º sr. abbade de Pedrido de Paiva por ainda neste n.º do nosso jornal não ser publicada a sua correspondencia, mas sê-lo ha infalivelmente no n.º seguinte.

**Recetta** — A recetta das nossas trez primeiras alfandegas no mez de setembro ultimo foi a seguinte. — Alfandega grande de Lisboa — 231:892,784 — da municipal — 67:051,828 — da do Porto 224:746,316 Total 523.690,928.

## CORREIO

### LISBOA 6 DE OUTUBRO

(Do nosso correspondente.)

Começarei esta correspondencia por dizer-lhe alguma cousa sobre politica externa. Quando menos se esperam é que ás vezes apparecem acontecimentos importantes. É verdade que nem todos se apresentam logo com o character de gravidade que na realidade tem; mas alguns ha que, embora envoltos aindano veu do mysterio, nem por isso deixam de annunciar de prompto o alcance e significação que podem vir a ter.

É hoje, conforme dizem alguns jornaes estrangeiros, que tem logar a conferencia entre o imperador Napoleão 3.º e o rei da Prussia. Este, a final, annuiu ao convite do monarca francez, e alem de S. M. prussiana é igualmente esperado em Pariz no dia 12 o rei da Hollanda.

O que quizerão dizer estas conferencias? que valor terão para a diplomacia? Que influencia exercerão sobre os destinos da Europa? Eis o que quasi todos ignoram, e poucos estão no caso de advinhar.

As difficuldades politicas em vez de diminuir, crescem por toda a parte. Como se fossem de pouca monta as questões que ha ainda para resolver para a completa pacificação da Italia, surge agora a dos principados danubianos, com maior incremento, vae tomando maior desenvolvimento a ideia da unidade allemã, e até o estado do Mexico está sendo objecto de combinações entre a França, a Inglaterra e a Hespanha.

Quanto a mim a verdadeira questão do oriente consiste no rumo que derem aos negocios da Moldavia e da Valachia. Ha muitos estados interessados na determinação do problema da independencia e autonomia dos dois principados, mas os interesses das diversas nações variam. O que pode satisfazer uns governos desagrada necessariamente a outros. A ambição de cada um delles mira, talvez, a um fim differente, e não será facil conciliar promptamente vontades e interesses tão encontrados.

Estarão a Russia e Austria pelo que quizerem a Inglaterra e a França? Levarão estas ao fim o seu proposito, e ficarão aquellas duas potencias de braços cruzados diante da desmembração da Turquia? Terá a reunião dos principados influencia no estado actual dos animos da Hungria e da Polonia? Onde irá a Austria buscar compensações das perdas que experimentou, e ainda pode soffrer na Italia? Que figura pretende fazer a Prussia no meio deste movimento dos povos e das chancellarias dos outros governos? Qual será o resultado final destas visitas a Napoleão, e das conferencias com elle?

Haverá guerra geral? Os interesses do commercio europeu repellem esta ideia aterradora. A palavra guerra assusta hoje a todas as nações; nenhuma a deseja, e todas fogem de querer para si a responsabilidade d'um conflicto que arme uns contra os outros os governos existentes.

Mas o equilibrio europeu? Este estado de duvidas e incertezas pode prolongar-se? Ninguém sabe; entretanto, o que desde já pode suppôr-se é que o tal equilibrio terá naturalmente de sujeitar-se a modificações, como aconteceu ao direito publico europeu, que tão mudado está do que já foi.

E o Mexico? Vigora a ideia de converter aquella republica n'uma monarchia representativa, e d'ahi sobrevêm outras difficuldades. A Hespanha annuiu ao pensamento monarchico do Me-

xico, mas quer a corôa para um principe hespanhol; o principe Napoleão viaja pela America, e a Inglaterra não disse ainda a sua opinião, que costuma ter peso.

As cousas na America do Norte mostram estar ainda para uma longa demora. Os combates succedem-se, as derrotas multiplicam-se, e, no fim de tudo, o grande colosso republicano vae-se desmoronando, sem que haja vantagens reaes para nenhum dos partidos belligerantes.

Annunciou-se o imperio como um symbolo de paz, mas desde o seu estabelecimento não deixou ainda de haver guerra.

Os nossos vizinhos hespanhoes principiam agora a ter ciuumes de nós. As bravatas de annexação e absorção de Portugal, que julgavam tão facil como o fusilamento de qualquer criminoso politico, começam agora a converter-se em ciuumes e receios. O projectado consorcio do sr. D. Pedro V. com a augusta filha de Victor Manoel dá-lhes cuidado, e crêem que será o percursor do engrandecimento da dynastia bragantina á custa da Hespanha. Ei-los, pois, proclamando aos seus brios, e invocando a ideia generosa da sua nacionalidade e independencia. De sorte que em quanto ameaçavam de nos absorver, e de nos sujeitar á sua paternal auctoridade, quasi que chegaram a duvidar do direito que nos assiste de pugnar pela nossa autonomia, e de repellir com energia a sua exaggerada ambição; agora, que começam a temer por si, e que se lhes vae affigurando como uma impossibilidade o seu sonho dourado, já querem que seja respeitada a independencia da sua terra!

Em assumptos de igualdade bem se vê que os nossos vizinhos podem servir de modelo!

Tive hontem occasião de encontrar-me no Marrare com tres emigrados hespanhoes. São dos comprometidos nos acontecimentos de Loja. Um delles delectava-se em ler no periodico *Las Novedades* a sentença que o condemnava á pena de garrote vil.

Ora quem não desejará ser subdito d'uma nação, onde o governo liberal se traduz por censura na imprensa, influencia d'uma freira, e fusilamentos politicos? Olhe a Hespanha para si, tracte de mostrar-se civilizada e humana, cure as suas mazellas, e deixe-se de bravatas impertinentes a respeito dos portuguezes, de quem ainda pode receber lições como a de Aljubarrota.

Ainda hontem, lendo a *Epoca* de Madrid, deparei com um artigo no qual se faz censura a que diante de S. M., por occasião da sua visita á exposiçào do Porto, fosse tocado e cantado o hymno, composto naquella cidade, e que intitularam *hymno da independencia*. A censura é muito mal cabida, porque tal hymno não se cantou, nem recitou diante d'el-rei, nem no palacio da exposiçào, nem no theatro.

A questão dos archivos napolitanos parece estar proxima d'uma resolução, que evitará a sahida de Madrid do representante de Victor Manoel. Affirmam uns que provisoriamente tomará conta delles o ministro francez naquella côrte; asseguram outros que essa commissão será entregue ao governo portuguez. Faço votos para que não nos envolvam em mais alguma embulhada, d'onde saiamos tão airoso como do negocio das exequias em honra de Cavour.

O governo prussiano não quiz fazer questão politica do attentado do regicida Baker. O criminoso foi condemnado a vinte annos de prisão, ficando depois de cumprida a sentença sob a vigilancia da policia.

É curiosa a proclamação assignada pelo hespanhol Borges, e dirigida aos napolitanos para expulsar os estrangeiros em nome da religião e do rei. Um estrangeiro a proclamar contra italianos na Italia, e chamando-lhes estrangeiros tem graça.

Espera-se com anciedade uma obra de mr. Guisot, que tem par titulo — *A igreja e a sociedade christã*. É grande a curiosidade que desperta a appareção d'este opusculo, em que um protestante se propõe a tractar a questão do poder temporal do papa.

El-rei parte hoje de Villa Viçosa para Portalegre, d'onde depois irá a Abrantes, regressando pelo caminho de ferro de leste a Lisboa, onde é esperado no dia 11. Na sua ida para Villa Viçosa, entre as pessoas convidadas para o acompanhar, contemplou o sr. Sebastião do Canto, fiscal do governo no caminho de ferro do sul. O ministro da Prussia, nesta côrte, tambem recebeu convite, e sahio d'aqui em companhia dos ministros do reino e obras publicas.

O sr. Thiago Horta ficou acompanhando el-rei, o presidente do conselho chegou hontem a Lisboa. Logo depois da sua chegada houve conselho d'estado politico, para se resolver se o arcebispo de Goa deve ir a Roma antes de partir para a sua diocese.

Não o posso informar de qual foi a opinião do conselho d'estado. Corre, porém, como certo que o governo não quer consentir em que o prelado de Goa vá a Roma, e que nesta parte pretende emendar a condescendencia do fallecido duque da Terceira.

O *Diario* de hontem principiou a publicar os documentos que dizem respeito á questão do nosso consul no Rio de Janeiro. Diz-se que, depois de publicados, o ministerio mandará consultar o procurador geral da corôa, e que acompanhados do parecer deste magistrado dará conhecimento delles ás côrtes.

Já se indigita quem são os candidatos pelos trez circulos de Lisboa. Diz-se que a opposição propõe pelo circulo 115 o dr. Caetano Beirão, pelo 116 o sr. Rodrigues Sampaio ou o sr. Thomaz de Carvalho, e pelo 117 o sr. Serzedello Junior. Affirmam serem candidatos do governo, pelo circulo 115 o sr. Casal Ribeiro, pelo 116 o sr. D.

Antonio de Mello Breyner, e pelo 117 o sr. Magalhães Coutinho.

Acha-se entre nós mr. Luiz Sauvage, distincto escriptor francez e collaborador da *Patrie*, para onde se propõe escrever algumas cartas sobre Portugal.

A questão dos algodões já não traz tão sobresaltada a industria manufactora da Inglaterra. Appareceram offerτας dos plantadores da India, que servirão de supprimento á falta que hoje experimenta o commercio, em consequencia da guerra dos estados do norte da America. Embora o algodão da India não seja de tão boa qualidade como o da America, a industria não terá outro remedio senão ir utilizando-se delle, até que uma epocha mais pacifica possa proporcionar o fornecimento do algodão como estava antes da contenda dos estados americanos.

O batalhão de caçadores n.º 2 não veio ainda do Algarve. O vapor *Mindello*, que saíra daqui para o transportar, arribou a Lisboa com avaria na machina, e entrou no dique para concertar.

O conselheiro Coelho do Amaral, que foi governador d'Angola, acaba de ser nomeado membro do conselho ultramarino.

Teve hontem logar a abertura das aulas da escola medico-cirurgica. Foi incumbido do discurso da abertura o dr. Cunha Vianna. Parece que depois do seu regresso, el-rei irá áquella escola presidir á distribuição dos premios do anterior anno lectivo.

A companhia italiana não produziu enthusiasmo. A excepção de Fraschini, que foi recebido entre palmas freneticas, os demais artistas que se estrearam com elle na noute de quarta feira foram nessa recita e na seguinte recebidos com frieza, merecendo, apenas, a sr.ª Bendacci algumas palmas no duetto com o tenor.

Não digo que a companhia seja fim portento, mas é certo que é muito regular. A manhá estrêase na *Smanbula* outra dama e outro tenor.

A sociedade do Gymnasio fez venda do seu theatro. O comprador negociou com ella com a condição de ficarem no theatro os artistas societarios, mas com diminuição nos ordenados. O actor Santos e a actriz Emilia Letroublon logo que acabem a escriptura que tem no Gymnasio vão dar algumas recitas a Evora, Coimbra e Braga, voltando depois para o theatro normal, para onde já estão escripturados.

Hoje ha duas peças novas no theatro de D. Maria; chamam-se *O pomo vedado* em trez actos, e outra *Recetta para curar saudades*. A primeira é uma traducção do sr. Cezar de Vasconcellos, e a segunda do sr. Mendes Leal Junior. Esta ultima já foi representada no Gymnasio, ha muito tempo, sob o titulo de *Epitaphio e Epithalamio*.

A actriz Emilia das Neves faz a sua *rentrée* com a *Medça*.

A recetta da alfandega grande importou até hontem em 56:095,3622 rs.

O folheto que se publicou aqui com o titulo *Os desperdicios do ministerio historico* attribue-se aos srs. Cyrillo Machado e José Maria d'Abreu. Saiu hontem a curveta brasileira Bahiana.

## MOVIMENTO DA BARRA

### Aveiro 4 de outubro

ENTRADAS

DE VILLA DO CONDE. Hiate port. Conceição Feliz,

cap. F. de Oliveira, 7 pessoas de tripol., lastro.

Em 5

DE VIANNA. Hiate port. Christina, cap. A. de Pi-

nho, 6 pessoas de tripolação, lastro.

IDEM. Hiate port. Deus Sobre Tudo, cap. J. S. Ré, 7

pessoas de tripol., lastro.

IDEM. Rasca port. Victoria, mestre L. da Silva, 12

pessoas de tripolação, lastro.

## ANNUNCIOS

### AGRADECIMENTO

Antonio José dos Santos, director da companhia dramatica portuense, tendo de retirar-se desta cidade com a sua companhia para a villa d'Eixo, aproveita este ensejo para agradecer ao exm.º e illm.ºs srs. João Carlos do Amaral Ozorio, Agostinho Pinheiro, e José Ferreira Lucena os muitos obsequios por estes senhores prestados em favor de toda a companhia em geral, — agradece igualmente aos benignos habitantes desta cidade pela sua coadjuvação para com esta companhia, — protestando desde já a minha gratidão.

Egualmente faço publico; que, se por esquecimento tenha lesado aliquem em contas pertencentes a esta companhia, — queira mandar avisar para immediatamente ser satisfeito.

Antonio José dos Santos.

## AZEITE DE OLIVEIRA

Pereira & Filho tem para vender aos alqueires e a preço commodo, uma porção d'azeite d'oliveira, de superior qualidade.

RESPONSAVEL — Manoel Cypriano da Silveira Pimentel.

Typographia do Districto de Aveiro.